

As pesquisas denominadas "estado da arte"

Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

Nos últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação "estado da arte" ou "estado do conhecimento". Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.

Tomo como exemplos entre outros tantos, os trabalhos intitulados como "estado da arte", tais como: *Alfabetização no Brasil - o estado do conhecimento* (SOARES, 1989); *I Congresso Luso-brasileiro de História da Educação Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil, 1500-1970*, (NUNES,1998) e *Pesquisa em Leitura: um estudo dos resumos e dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, 1980 a 1995* (FERREIRA,1999); *A pesquisa sobre formação de professores no Brasil – 1990 – 1998* (ANDRÉ, 2000),.

Os catálogos como fonte documental

Esses pesquisadores tomam como fontes básicas de referência para realizar o levantamento dos dados e as suas análises, principalmente, os catálogos de faculdades, institutos, universidades, associações nacionais e órgãos de fomento da pesquisa.

Nos últimos vinte anos, com o fortalecimento da produção acadêmica - científica, com pesquisas que emergem em diferentes programas de pós-graduação pelo país, um

movimento se transforma em empenho de diferentes entidades (faculdades e associações de financiamento de pesquisas) para o estabelecimento de uma política de divulgação de seus trabalhos científicos. E uma das formas é através de catálogos, inicialmente impressos e mais tarde, em forma de CD-ROM.

Os catálogos passam a ser produzidos atendendo ao anseio manifestado das universidades de informar à comunidade científica e à sociedade sua produção, socializando e, mais do que isso, expondo-se à avaliação. Por outro lado, é uma resposta exigida por uma sociedade que vê, agora, a universidade como prestadora de serviços e que, por isso, deve ser avaliada.

Segundo CHAUI (1999), a avaliação de toda e qualquer universidade passa a ser medida pela sua produtividade, orientada por três critérios: quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que produz. Opera-se, assim, uma inversão tipicamente ideológica da qualidade em quantidade, quando deixa de se indagar o que se produz, como se produz, para quem ou para que se produz.

Os catálogos são organizados pela idéia de acumulação - reunir tudo o que se tem de avanço da ciência em um único lugar -; pelo fascínio de se ter a totalidade de informações - dominar um campo de produção de um conhecimento, visão absoluta de poder -; pela possibilidade de otimização da pesquisa - ganhar tempo, recuperar velozmente informações, com menor esforço físico-; pelo mito da originalidade do conhecimento - pesquisar o que não se conseguiu ainda, fazer o que ainda não foi feito -; pela imagem de conectividade - estar informado com tudo que se produz em todos os lugares. Além disso, há várias outras razões e estratégias de organização do catálogo: a disputa por verbas para bolsas, convênios estimulando certos estudos, o sentimento de poder das instituições que o produzem, um marketing da própria pesquisa acadêmica que está colocada no mercado como qualquer outra mercadoria.

De qualquer maneira, os catálogos se instalam criando condições para que maior número de pesquisadores sejam orientados na pesquisa bibliográfica de produção de uma área, estabeleçam um primeiro contato, recuperem determinado trabalho, possibilitando a circulação e intercâmbio entre a produção construída e aquela a construir através de uma consulta em ordem alfabética por assuntos, por temas, por autores, por datas, por áreas.

Os catálogos trazem os títulos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, mas também os dados identificadores de cada pesquisa quanto aos nomes do autor e do

orientador, do local, data da defesa do trabalho, titulação dada, área em que foi produzido. Os dados bibliográficos são retirados dos próprios trabalhos para serem inseridos nos catálogos. Os títulos são normalmente criados pelos próprios autores das dissertações de mestrado e teses de doutorado e informam ao leitor do catálogo a existência de tal pesquisa, anunciando principalmente a informação principal do trabalho.

Os resumos são incluídos nos catálogos com a finalidade de divulgar com mais abrangência e eficiência os trabalhos produzidos na esfera acadêmica. Assim, escreve GARRIDO (1993: 5), na apresentação do Catálogo do Instituto de Psicologia da USP:

Além da indicação bibliográfica de cada trabalho, acrescentou-se um resumo de caráter informativo, para promover a divulgação e facilitar o acesso a esses estudos. O crescimento da literatura científica transformou os resumos em instrumentos indispensáveis, na medida em que sua inserção em catálogos e bases de dados agiliza, em muito, a atividade de seleção em busca bibliográfica de todos aqueles que se dedicam ao estudo e à pesquisa. Para que desempenhem este importante papel é necessário, no entanto, que sejam objeto de elaboração cuidadosa.

Mas, e, os resumos, de onde vêm? Estão no corpo dos próprios trabalhos? São produtos da elaboração dos organizadores dos catálogos?

Os resumos das dissertações e teses nos catálogos

A história da pesquisa acadêmica revela que as primeiras dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas na década de 70 e na primeira metade da de 80 raramente traziam o resumo como texto autônomo que apresentasse o trabalho. Porém, na fase de amadurecimento da produção acadêmica em nosso país, torna-se mais freqüente encontrar o resumo no interior do próprio trabalho. Assim, o resumo vincula-se a uma série de dispositivos de escrita e impressão (capa, título, página de rosto, índice, dedicatória, agradecimentos, a pesquisa em si, bibliografia) de cada dissertação ou tese que o coloca como um a mais entre outros (dispositivos).

Os resumos quando não são encontrados nas próprias pesquisas desencadeiam diferentes práticas por parte dos organizadores no momento de produção de um catálogo: colocar apenas os dados bibliográficos de determinada pesquisa; elaborar resumos segundo critérios pré-estabelecidos para aquelas dissertações ou teses que não trazem

esse texto no interior do trabalho; fazer revisões e reescritas dos resumos produzidos pelo próprio autor do trabalho, buscando a homogeneidade e consistência do todo do Catálogo, como, por exemplo, o da "Universidade Federal Fluminense, 1975 - 1995" (1996:7):

Para garantir que os dados fossem apresentados de forma correta e completa, a versão original apresentada pelos próprios mestrandos ou encontradas no corpo das dissertações nem sempre foi mantida. Os resumos foram elaborados, revisados e reunidos especialmente para o catálogo e seguiram critérios definindo o limite de linhas e determinando os elementos informativos mais relevantes.

Vê-se que muitas vezes o próprio autor da dissertação ou da tese torna-se também autor de vários resumos atendendo às exigências de seu programa de pós-graduação. Um, que é o que constará em uma das primeiras páginas de sua pesquisa; outro que acompanhará o formulário da ANPED (para aqueles que estão inscritos nos programas ligados à Educação); e ainda, aquele que cumpre às solicitações da CAPES. Para cada um deles, diferenças exigências quanto ao número de linhas, tamanho das letras, o que se deve constar.

No caso dos catálogos informatizados, produto do desenvolvimento da rede eletrônica, na maioria das vezes, os seus resumos são reproduções dos impressos, porém podem trazer mudanças tipográficas (o espaço do parágrafo desaparece, orações são juntadas num mesmo período, diminui-se o tamanho das letras, encurta-se o espaço entre parágrafos); ou de extensão (cortam-se linhas, palavras, parágrafos, tira-se o final), ou ainda, de adaptações (palavras são substituídas por sinônimos, há acréscimos de termos): exigências do novo suporte.

Na realidade, os resumos mostram uma rede de motivos implicada em operações de selecionar e organizar o material a ser divulgado, que os tornam diversificados e multifacetados, resultados de diferentes operações (cortes e acréscimos) feitas a muitas mãos, por diferentes motivos totalmente desconhecidos do leitor.

O que temos, então, ao assumirmos os resumos das dissertações e teses presentes nos catálogos como lugar de consulta e de pesquisa é que sob aparente homogeneidade, há grande heterogeneidade entre eles (os resumos) explicável não só pelas representações diferentes que cada autor do resumo tem deste gênero discursivo, mas também por diferenças resultantes do confronto dessas representações com algumas características peculiares da situação comunicacional como, por exemplo: alterações no

suporte material, nas regras das entidades responsáveis pela divulgação daquele resumo, nas necessidades, interesses e condições de funcionamento dos grupos sociais que o utilizam e, no caso, de um autor particular. Há resumos diferentes de uma mesma pesquisa que revelam intervenções de ordem tipográfica/impressão quando produzidos no interior de uma tese de doutorado ou dissertação de mestrado, quando em catálogo impresso ou eletrônico produzidos pelas universidades ou associações e entidades (ANPED, UNIBIBLI, UFSCar).

É possível "estado da arte" lendo apenas resumos?

Se estamos pensando em utilizar como objeto de estudo e como fonte de pesquisa – os resumos – nos trabalhos intitulados "estado da arte", se estamos entendendo que os resumos que constam nos catálogos estão atendendo a outras funções e necessidades; se estamos aceitando a heterogeneidade de marcas textuais e tipográficas constatadas nos resumos; podemos considerar possível tecer um discurso que analise, interogue convenientemente cada conjunto de trabalhos produzidos em uma determinada área do conhecimento, a partir apenas de resumos, ignorando a leitura das pesquisas, na íntegra?

Quando se trata de utilizar como fonte de pesquisa os catálogos com dados bibliográficos e resumos dos trabalhos produzidos na academia para uma possível organização da produção de uma certa área do conhecimento, parece que o pesquisador do "estado da arte" tem dois momentos bastante distintos.

Um, primeiro, que é aquele em que ele interage com a produção acadêmica através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção. Nesse caso, há um certo conforto para o pesquisador, pois ele lidará com os dados objetivos e concretos localizados nas indicações bibliográficas que remetem à pesquisa. Ele pode visualizar, nesse momento, uma narrativa da produção acadêmica que muitas vezes revela a história da implantação e amadurecimento da pós-graduação, de determinadas entidades e de alguns órgãos de fomentos de pesquisa em nosso país. Nesse esforço de ordenação da uma certa produção de conhecimento também é possível perceber que as pesquisas crescem e se espessam; ampliam-se em saltos ou em movimentos contínuos; diversificam-se os locais de produção; em algum tempo ou lugar ao longo de um período.

Um segundo momento, é aquele em que o pesquisador se pergunta sobre a possibilidade de inventariar essa produção imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento.

Nessa segunda opção, o pesquisador passa a enfrentar dificuldades inúmeras e de diferentes ordens. A organização do material que tem diante de si pressupõe antes de tudo uma leitura que ele deve fazer não só das indicações bibliográficas e dos títulos dos trabalhos, mas principalmente dos resumos. E, há sempre a sensação de que sua leitura a partir apenas dos resumos não lhe dá a idéia do todo, a idéia do que "verdadeiramente" trata a pesquisa. Há também a idéia de que ele possa estar fazendo uma leitura descuidada do resumo o que significará uma classificação equivocada do trabalho em um determinado agrupamento, principalmente quando se trata de enquadrá-lo quanto à metodologia, teoria ou mesmo tema. Por outro lado, há também a sensação de que os resumos encontrados nos catálogos são mal feitos, cortados, recortados por "n" razões, sem autoria definida e de difícil acesso. Por último, ao se constatar a existência de mais de um resumo para um mesmo trabalho e além de tudo, diferentes entre si (no suporte material do texto; nas disposições tipográficas; nas informações que apresentam), institui-se o conflito de qual resumo responderá melhor, será o mais correto, o mais completo, o mais coerente em relação ao trabalho "original", ou melhor, integral.

Para essas dificuldades alguns pesquisadores do "estado da arte" acabam tomando posições diversas: alguns lidam com o mapeamento que se propõem a fazer da produção acadêmica a partir dos resumos publicados em catálogos das instituições ignorando todas essas limitações que o próprio objeto oferece; outros optam por uma única fonte, por exemplo, os resumos encontrados na ANPED; e há ainda aqueles que num primeiro momento acessam as pesquisas através dos resumos e, em seguida vão em busca dos trabalhos na íntegra.

De qualquer maneira as opções desses pesquisadores nos levam a questionar a natureza do material com o qual temos trabalhado: os resumos. É possível afirmar o que se tem falado sobre determinado tema ou área de conhecimento, em nosso país, num certo período, a partir só da leitura dos resumos? Um resumo poderia ser lido como parte de um todo? Que relação poderia ser feita entre cada resumo e o trabalho que lhe deu origem? Buscando respostas para essas interrogações, entre outras saídas já encontradas

por outros pesquisadores, enveredamos por uma: levar em consideração a natureza do material que temos em mãos a partir da noção de gênero do discurso, conforme BAKHTIN (1997) e da noção do suporte material em que cada resumo se apresenta, de acordo com CHARTIER (1990,1996).

Ancorando-nos em BAKHTIN (1997) tomamos os resumos como um dos gêneros do discurso ligados à esfera acadêmica, com determinada finalidade e com certas condições de produção. Por outro lado, assumindo o princípio de dialogismo também de BAKHTIN, cada resumo é lido como participante de uma cadeia de comunicação verbal, onde suscita respostas e responde a outros resumos.

Recorrendo a CHARTIER (1990, 1996), interrogamos os resumos como objetos possíveis de serem lidos, jogando com os protocolos de leitura inscritos pelo autor e editor nos próprios textos e pelas singularidades que apresentam a partir do suporte material em que aparecem (catálogos eletrônicos, catálogos impressos, resumos nas próprias teses).

O "estado da arte" e suas limitações

Com essas preocupações, aqui de maneira breve e sucinta, desacompanhada das análises que possam contribuir para uma leitura melhor de alguns outros questionamentos, apresentamos algumas das conclusões a que chegamos, no mapeamento da História da Leitura no Brasil (1980-1995), mas que acreditamos que possam ser estendidas a outras pesquisas "estado da arte".

Ao lidarmos com um conjunto de resumos de uma certa área do conhecimento, buscando identificar certas marcas de convencionalidade deste gênero discursivo, podemos constatar que eles cumprem a finalidade que está prevista para eles em catálogos produzidos na esfera acadêmica: informam ao leitor, de maneira rápida, sucinta e objetiva sobre o trabalho do qual se originam.

Eles trazem, enquanto gênero do discurso, um conteúdo temático, que é o de apresentar aspectos das pesquisas a que se referem; trazem uma certa padronização quanto à estrutura composicional: anunciam o que se pretendeu investigar, apontam o percurso metodológico realizado, descrevem os resultados chegados; e em sua maioria, seu estilo verbal é marcado por uma linguagem concisa e descritiva formada de frases

assertivas, em um certo tom "enxuto", impessoal, sem detalhamento, com ausência de adjetivos e advérbios. É verdade, que nem todo resumo traz em si mesmo e de idêntica maneira todas as convenções previstas pelo gênero: em alguns falta a conclusão da pesquisa; em outros, falta o percurso metodológico, ainda em outros, pode ser encontrado um estilo mais narrativo.

De todo modo, pode-se estabelecer a partir de uma certa ordenação de resumos uma rede formada de diferentes elos ligados a partir do mesmo suporte material que os abriga, pela opção teórica manifesta, pelo tema que anuncia, pelo objetivo explicitado da pesquisa, pelo procedimento metodológico adotados pelo pesquisador. Um conjunto de resumos organizados em torno de uma determinada área do conhecimento (Alfabetização, Leitura, Formação do Professor, Educação Matemática, por exemplo) pode nos contar uma História de sua produção acadêmica. Mas, é necessário pensar que nesta História foram considerados alguns aspectos dessa produção e que nela há certas limitações.

Deve-se reconhecer que os resumos oferecem uma História da produção acadêmica através de uma realidade constituída pelo conjunto dos resumos, que não é absolutamente a mesma possível de ser narrada através da realidade constituída pelas dissertações de mestrado e teses de doutorado, e que jamais poderá ser aquela narrada pela realidade vivida por cada pesquisador em sua pesquisa. Os resumos das pesquisas analisadas contam uma certa realidade dessa produção.

Por outro lado, um pesquisador jamais terá controle sobre seu objeto de investigação ao tentar delimitar seu corpus para escrever a história de determinada produção. Ou melhor, é ilusório pensar que, se tomar apenas os resumos encontrados no CD-ROM da ANPED, o pesquisador estará escrevendo a História da produção acadêmica da Educação sobre determinada área, no país. Ele estará quando muito escrevendo uma das possíveis Histórias, construída a partir da desses resumos.

Além disso, o fato do resumo ser considerado um gênero do discurso da esfera acadêmica relativamente neutro e estável, que informa objetivamente um leitor, que busca desencadear uma única leitura, não impede o pesquisador do "estado da arte" de experimentar uma outra, diferente daquela prevista pelo autor e editor. Ele pode surpreender-se entendendo cada resumo como único e individual porque produzido em determinadas condições de produção e de leitura, que pressupõem outro leitor, outra finalidade.

Assim é que o resumo permite outras descobertas, se lido e interrogado para além dele mesmo, quando lido numa prática "criadora" vivida fora dos preceitos previstos pelo autor do resumo. Mas também, o resumo pode ser conduzido a uma leitura "freada" pelos indícios deixados nos textos pelo autor, que conduzem a uma e não outra compreensão.

Ainda, podemos dizer que a História de certa produção, a partir dos resumos das pesquisas não oferece uma compreensão linear, uma organização lógica, seqüencial do conjunto de resumos. Entre os textos há lacunas, ambigüidades, singularidades, que são preenchidas pela leitura que o pesquisador faz deles. Então, a História da produção acadêmica é aquela proposta pelo pesquisador que lê. Haverá tantas Histórias quanto leitores houver dispostos a lê-las.

Aceitar tais afirmações e considerações exige que o pesquisador ao lidar com seu objeto de leitura e análise – os resumos- não busque apenas uma relação do resumo com a pesquisa, metonimicamente (uma parte que representa o todo), nem uma relação de fidedignidade do resumo em relação à pesquisa a qual se refere, e, muito menos, uma relação exclusivamente de contigüidade. Cada resumo deve ser lido e analisado numa relação de dependência com o trabalho na íntegra, mas também enquanto realidade relativamente independente, produto de uma tensão construída na continuidade e na ruptura com o trabalho que lhe dá origem, numa relação dialética entre os gêneros, entre as condições de sua produção e práticas discursivas.

Por último, ao interrogar os resumos como elos de uma cadeia de comunicação verbal da esfera acadêmica, como textos a suscitar respostas e que respondem a outros que o antecedem e o sucedem, apoiando-se na noção bakhtiniana de cadeia verbal chegue-se a outras considerações.

É possível ler em cada resumo e no conjunto deles, outros enunciados, outros resumos, outras vozes, e perceber a presença de certos aspectos significativos do debate sobre determinada área de conhecimento, em um determinado período. A possibilidade de leitura de uma História pelos resumos que sabemos não poder ser considerada a única, tampouco a mais verdadeira e correta, mas aquela proposta pelo pesquisador do "estado da arte", pode ainda ser resultado da compreensão das marcas deixadas pelos autores / editores em cada resumo e do estabelecimento de relações de cada um deles (resumo) com outros, e também com uma bibliografia que extrapola a da produção de dissertações e teses.

Notas

1. Artigo publicado na revista Educação & Sociedade, 79, ano XXIII, ago/2002, CEDES, Campinas – SP.

2. Professora do departamento de Metodologia de Ensino e pesquisadora do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE) da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

3. Ver a respeito os resumos referentes às pesquisas de SANTOS (1993) que podem ser localizados no CDROM da ANPED (1996) e no CDROM da UFCar; os de PEREIRA (1990) localizados na própria tese de doutorado e no Catálogo impresso da PUC-RJ e os de PEREZ (1990) identificados no CDROM da ANPED (1996) e no CDROM UNIBIBLI (1996). A escolha por esses resumos foi orientada pelo fato deles apresentarem mais de um texto referente a uma mesma pesquisa, porém encontrados em fontes diferentes, suportes de textos diferentes.

Bibliografia

ANDRÉ, Marli. "A pesquisa sobre formação de professor no Brasil, 1990 a 1998." In Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa. Anais do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), RJ, DP & A, 2000.

NUNES, Clarice. "I Congresso Luso-Brasileiro da História de Educação, Leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1550-1970). In FARIA, L.M. (ORG) Modos de ler, formas de escrever: estudos da História da Leitura e da Escrita no Brasil. BH, Autêntica, 1998.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. SP, Martins Fontes, 1997.

CHARTIER, R. História cultural - entre práticas e representações. RJ, Bertrand, 1996 .

(ORG). Práticas de leitura. SP. Estação Liberdade, 1996.

CHAUÍ, M. "A universidade operacional" in Revista da ADUNICAMP, Campinas São Paulo, ano 1, nº 01, jun.1999.

FERREIRA, Norma S.A. "Pesquisa em Leitura: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995." Campinas, SP, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1999, tese de doutorado.

PEREIRA, Marisa de M. S. Bernardes. "As estratégias de leitura em crianças recém-alfabetizadas". Rio de Janeiro, Instituto de Letras e Artes, PUC-RJ, 1990.

PEREZ, Isilda L. "Currículo, leitura, literatura: das possíveis leituras às muitas indagações. Uma visão da rede municipal de ensino de São Paulo". São Paulo, SP, Faculdade de Educação, USP, 1990, dissertação de mestrado.

SANTOS, Patrícia L. "Representações sobre o comportamento de leitura de crianças e adolescentes na visão das mães". São Carlos, SP, Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, 1993, dissertação de mestrado.

SOARES, M. Alfabetização no Brasil - O Estado do conhecimento, Brasília, INEP/MEC, 1989.